

## Solidariedade e as origens do cooperativismo de crédito solidário

### *Solidarity and the origins of solidarity credit cooperativism*

Carlos Laércio Wrasse<sup>1</sup>  
Adilson Francelino Alves<sup>2</sup>  
Dirceu Basso<sup>3</sup>

#### RESUMO

O surgimento das cooperativas tem suas raízes na solidariedade. Estudos reforçam a importância desta para o cooperativismo de crédito rural solidário. Este estudo identificou as ações que representam a solidariedade no contexto do cooperativismo de crédito rural solidário. A base teórica utilizou as ações da economia solidária de Beland (2013) e os caminhos da economia de solidariedade de Migliaro (2018). Os dados foram coletados a partir de entrevista estruturada, realizada com os diretores da cooperativa e com pessoas indicadas por estes, num total de 7 entrevistados. O tratamento dos dados deu-se com a utilização do método documentário desenvolvido por Bohnsack a partir dos trabalhos de Mannheim (1952) que busca, a partir da análise qualitativa, extrair as informações necessárias para a conclusão do estudo. Após a descrição das entrevistas os dados são classificados e a análise é realizada em 3 níveis: imanente, expressivo e documentário. Os resultados apontaram um total de 11 ações de solidariedade, sendo estas: acesso a crédito, apoio as estruturas de base, educação financeira familiar, estímulo a criação de emprego, estímulo a poupança, estímulo ao desenvolvimento local, inclusão social, intercooperação, sentido de pertencimento e relacionamento com a comunidade.

**Palavras-chave:** solidariedade; cooperativas de crédito; pertencimento; agricultura familiar; método documentário.

#### ABSTRACT

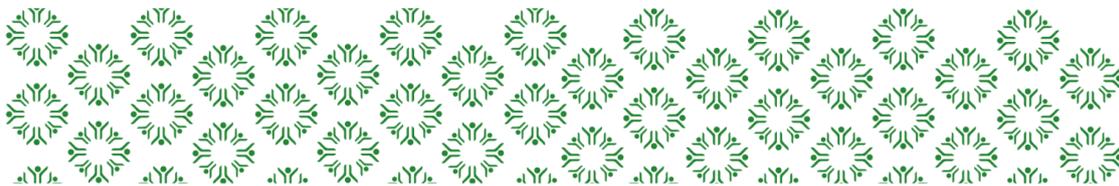
The emergence of cooperatives has its roots in solidarity. Studies reinforce the importance of this for cooperative rural credit solidarity. This study identified actions that represent solidarity in the context of solidarity rural credit cooperatives. The theoretical basis used the actions of the solidarity economy by Beland (2013) and the paths of the solidarity economy by Migliaro (2018). Data were collected from a

---

<sup>1</sup> Doutorado em Desenvolvimento Rural Sustentável pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Professor da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR. Email: carlosl@utfpr.edu.br

<sup>2</sup> Doutorado em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Santa Catarina; Professor Da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE. Email: adilsonfalves@gmail.com

<sup>3</sup> Doutorado em Desenvolvimento Rural pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professor da Universidade Federal da Integração Latino-Americana – UNILA. Email: dirceu.basso@unila.edu.br



structured interview, carried out with the directors of the cooperative and people indicated by them, totaling 7 interviewees. The data was processed using the documentary method developed by Bohnsack based on the works of Mannheim, 1922, which seeks, from qualitative analysis, to extract the information necessary to conclude the study. After describing the interviews, the data is classified and the analysis is carried out at 3 levels: immanent, expressive and documentary. The results showed a total of 11 solidarity actions, namely: access to credit, support for basic structures, family financial education, stimulus to job creation, stimulus to savings, stimulus to local development, social inclusion, intercooperation, sense of belonging and relationship with the community.

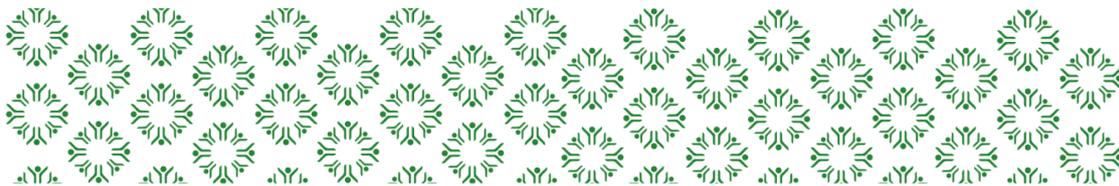
**Keywords:** solidarity; credit unions; belonging; family farming; documentary method.

## Introdução

As raízes históricas da solidariedade nos remetem ao direito romano, segundo o qual cada membro da comunidade tinha que pagar a totalidade das dívidas existentes e, da mesma forma, a comunidade pagava pelas dívidas de cada indivíduo membro. De acordo com Zoll (2007, p. 20), “[...] originalmente o termo significava devedores solidários”. Foi no final do século XVIII que esse conceito jurídico foi generalizado para além do direito das obrigações e incorporado ao contexto político, social e moral.

A existência de uma obrigação moral mútua entre as pessoas e a comunidade foi cada vez mais referida como ‘solidariedade’. Enquanto nos tempos pré-modernos, sob a direito das obrigações, o termo designava uma forma específica de responsabilidade, era cada vez mais aplicado em contextos políticos, sociais e morais a partir do final do século XVIII. Aqui, o termo é de origem francesa, embora os primeiros usos do adjetivo ‘*solidaire*’ na época da Revolução Francesa não tivessem conotações éticas ou morais, mas tinham principalmente significado jurídico-político (Grayner, 2017).

O discurso sobre a solidariedade e as práticas que a acompanham servem como um indicador de como as sociedades são capazes de se constituir e se legitimar em nível social, político e cultural (Grayner, 2017). Tanto a ideia quanto as práticas de solidariedade se expandiram cada vez mais ao longo do século XX e não estavam mais vinculadas às fronteiras regionais e nacionais (Zoll, 2000). O que passa a ser fundamental na solidariedade é o reconhecimento mútuo.



No entendimento de Pavlovskaya *et al.* (2019), Migliaro (2018), Beland (2013) e Kreusch (2009) a solidariedade constitui um dos principais fatores para a criação de uma cooperativa solidária. As experiências vivenciadas na pobreza, a carência do cotidiano e as tentativas de assegurar a subsistência leva muitos a buscar e compartilhar o pouco que possuem e a formar grupos e comunidades de ajuda mútua. Estes grupos buscam fazer as coisas ‘do seu jeito’, a partir de seus valores, com seu modo de pensar, agir, sentir e se relacionar.

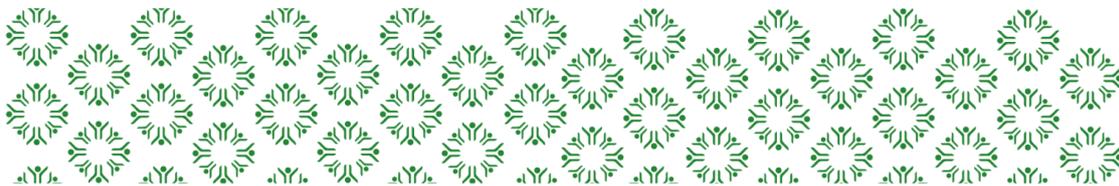
Apoiados no princípio da solidariedade, no dia 28 de dezembro de 1902, foi fundada a primeira cooperativa de crédito brasileira, na localidade de Linha Petrópolis, município de Nova Petrópolis, a Caixa de Economia e Empréstimos Amstad, posteriormente chamada de Caixa Rural de Nova Petrópolis (Meinen; Port, 2012). A preocupação das pessoas em superar as dificuldades do dia a dia e a necessidade de encontrar os meios necessários para o atendimento das necessidades coletivas, contribuíram para o seu surgimento.

O cooperativismo de crédito surgiu para atender, em especial, as pessoas e pequenas empresas que necessitavam de microcrédito, tendo como base a cooperação espontânea e a solidariedade. Este ato fez surgir a cooperativa solidária, paralela ao cooperativismo de crédito tradicional, apoiada na ética, caráter dos associados, confiança mútua e espírito de solidariedade (Pinho, 2004).

A proposta deste estudo está focada na contribuição para a compreensão da solidariedade como elemento fundamental para a fundação da Cooperativa de Crédito com Interação Solidária - Cresol. As questões centrais para a pesquisa foram: Como se deu a criação da Cooperativa de Crédito Rural com Interação Solidária – Cresol? Como a solidariedade esteve presente neste processo?

### **Procedimentos metodológicos**

Para o desenvolvimento da problemática acerca da solidariedade na Cresol foram elencados aspectos históricos e da trajetória de pessoas que participaram da formação da cooperativa e de todos os diretores, anteriores e atual. A solidariedade foi avaliada a



partir do Método Documentário de Interpretação, desenvolvido por Bohnsack (2020), a partir do trabalho de Mannheim (1952). A proposta possui um referencial teórico metodológico na avaliação dos dados produzidos a partir de entrevistas.

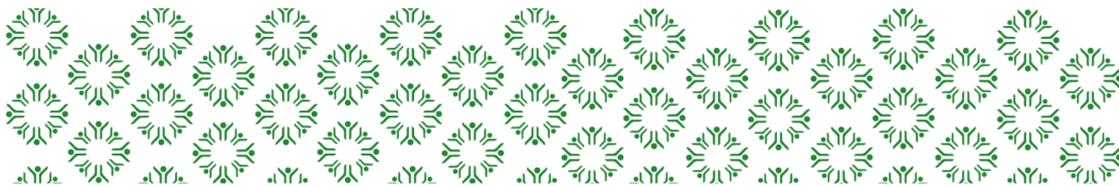
O método documentário foi desenvolvido por Karl Mannheim (1893 – 1947) e encontrou nas ciências sociais um vasto campo de aplicação (Bohnsack, 2020). De acordo com Alves (2008), a abordagem surgiu juntamente com a sociologia do conhecimento, e propõe a compreensão das visões de mundo (*weltanschauung*). Para Weller *et al.* (2002, p. 378), as “visões de mundo nos são dadas sem que possamos apresentá-las ou explicá-las de forma teórica”.

Mannheim (1952) descreve a *weltanschauung* como a visão de mundo. A expressão alemã ‘*welt*’ presente na palavra não significa o universo como conhecemos. De acordo com o autor, isto é muito limitado em relação ao seu real significado. O *Welt* é o mundo em que vivemos, construímos relações, interpretações da realidade e ao mesmo tempo nos relacionamos. Da mesma forma ‘*anschauung*’ não é somente a visão, o sentido da visão, mas está relacionado a outras formas de perceber a realidade com a consciência e com os outros sentidos.

Para Mannheim o conhecimento não resulta apenas da consciência teórica, mas sobretudo de elementos de natureza não teórica provenientes da vida social e de influências e vontades que o produtor do conhecimento, enquanto indivíduo oriundo de uma realidade social, está sujeito. Neste sentido, o conhecimento não é apenas teórico, ele é prático. A essa rede de conhecimento, Mannheim (1952) chamava de constelação, onde cada um possui uma opinião em relação a situação vivida.

De acordo com Mannheim (1952, p. 36), ao tentar elucidar as causas ou mutações ocorridas, devemos considerar fatores fundamentais como o ‘espírito do tempo’ (*Zeitgeist*), e trazer vários estratos da vida cultural. Mannheim objetivava desenvolver um método de interpretação a partir do trabalho de Wilhem Dilthey – hermenêutica romântica, produzida no final do século XIX, que possibilitasse distinguir a lógica do conhecimento entre as ciências naturais e ciências humanas.

Mannheim (1952, p. 37), afirma que, para compreender as ciências sociais e a história, é necessário um trabalho de leitura da situação de análise do contexto ao qual



a ação pertence, compreendendo a ótica de outras ações ou crenças historicamente construídas. Para o autor, “o conceito de *weltanschauung* origina-se do fato de que a entidade que ele denota está fora da esfera da teoria.

Ao analisar o espírito do tempo proposto por Mannheim, Weller *et al.* (2002), afirmam que este é um instrumento para compreensão das ações dos indivíduos de um determinado grupo. Neste sentido, as visões de mundo não podem ser construídas aleatoriamente como teorias. Estas práticas são constituídas a partir do conhecimento a-teórico. A conceitualização teórica se constitui em instrumento para a compreensão das ações coletivas que produzem esse conhecimento a-teórico.

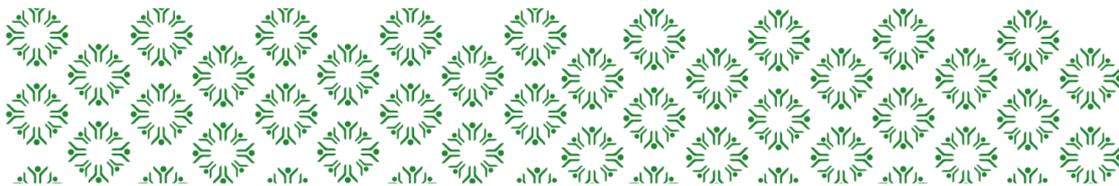
De acordo com Mannheim (1952, p. 41):

Se a unidade global da cultura for concebida como algo a-teórico, o abismo que separa o próprio processo de pesquisa de seu objeto se tornará mais amplo. Mais uma vez, nos encontramos confrontados com o problema do racionalismo e do irracionalismo, a questão de se e como o a-teórico pode ser traduzido em teoria.

Para Weller *et al.* (2002), as experiências do mundo da cultura devem ser entendidas a partir de categorias próprias, mas distintas da teoria. Refletir teoricamente, ou seja, traduzir em teoria o contexto histórico vivenciado pelos pequenos agricultores, assentados, posseiros e demais pessoas que contribuíram para a formação da região Sudoeste Paranaense, Assesoar e Cresol, significa voltar-se para dimensões pré-teóricas, ao nível da existência cotidiana. Nesse contexto, há separação entre a reflexão de caráter teórico e da pesquisa empírica. Isto demonstra que a teorização para o estudo surgiu no âmbito das experiências cotidianas.

Neste sentido, a visão de mundo como meio para traduzir as representações da coletividade dos pequenos agricultores fundadores da Cresol, em especial no que se refere a solidariedade, ainda não está constituída, caracterizando-se como conhecimento a-teórico. Assim, os fundadores da Cresol, na medida de suas experiências e realizações da vida cotidiana construíram suas visões a partir de ações práticas.

A coleta dos dados e análise das entrevistas deu-se com o auxílio do método documentário, proposto por Bohnsack (2020), a partir do trabalho de Mannheim (1952). De acordo com Bohnsack (2020, p. 54), o método documentário propõe um “sofisticado



sistema para sua metodologia, vinculando à perspectiva de uma sociologia compreensiva”.

O método foi utilizado para dar voz aos atores participantes da pesquisa. Em atenção a aspectos éticos, os nomes dos respondentes receberam pseudônimos – Mm, Km, Xm, Jm, Gm, Hm e Fm - com vistas a garantir o anonimato, bem como para preservar sua integridade.

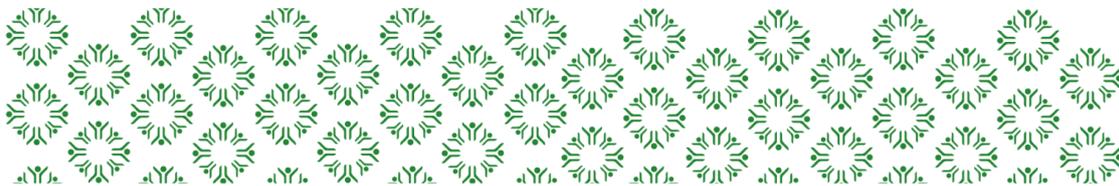
Foram considerados os eventos ocorridos na região Sudoeste do estado do Paraná, desde a formação desta, a participação dos movimentos sociais e dos demais atores envolvidos. Como instrumento para a coleta dos dados foi utilizado a entrevista.

A entrevista foi realizada com dois grupos. O primeiro formado por diretores da Cooperativa, composto por um total de 4 pessoas. Para a definição dos demais entrevistados utilizou-se o método de ‘bola de neve’, no qual o primeiro grupo indicou outras pessoas, obteve-se um total de 3 indicações, sendo estas pessoas ligadas a cooperativa e que fizeram parte do processo de criação da Cresol.

As entrevistas foram realizadas individualmente, na presença do pesquisador. Bohnsack (2020) afirma que as respostas trazidas pelos pesquisados constituem reflexos da visão de mundo referente ao contexto social dos entrevistados, por isso, é importante conhecer a vivência destas pessoas. Para Bohnsack (2020) este método de pesquisa permite observar aspectos naturais da sociedade. Para Severo (2017), esses modelos são orientadores das experiências individuais e coletivos em um determinado meio social, como é o caso dos agricultores.

## **Resultados e discussão**

O surgimento da Cresol está associado historicamente aos movimentos que ocorreram no Sudoeste Paranaense do início até aproximadamente o final do século XX (Kreusch, 2009). A falta de acesso a crédito, a recusa de outras instituições financeiras em dar apoio aos pequenos agricultores e a união destes fez surgir um grupo de pessoas dispostas a lutar por melhores condições para todos (Van Der Brug, 2015).



Atualmente a população da região Sudoeste é composta por, aproximadamente, 582 mil habitantes (IBGE, 2019), e possui uma história marcada pela persistência e luta dos pequenos agricultores que buscavam um lugar para viver. Inicialmente a ocupação da região deu-se a partir de pessoas vindas da região de Palmas e do Vale do Contestado, Santa Catarina (Martins, 1986).

De acordo com Km:

Devido a seu projeto de inclusão e busca de alternativas, os agricultores encontraram forte resistência de uma classe dominante que estava presente e dominava uma vasta região em disputa, de um lado estavam os pequenos agricultores, posseiros e assentados e de outro as empresas colonizadoras.

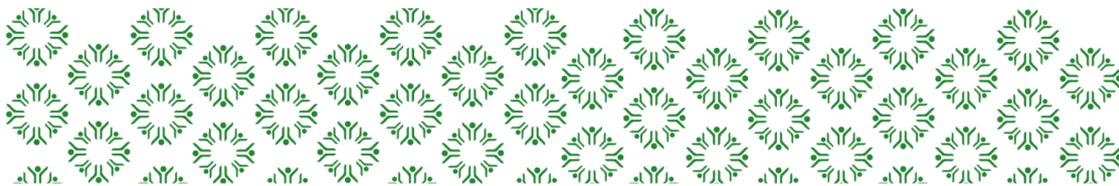
Pensar o surgimento da Cresol na região sudoeste do Paraná significa, dentre outras coisas, resgatar a história de luta dos agricultores que culminou em um evento conhecido como 'a revolta dos posseiros', relatado em diversos artigos e livros, dentre eles a obra de Martins (1986), que retrata o histórico das famílias e das empresas colonizadoras presentes na região Sudoeste do Paraná.

Para Xm:

A revolta ocorrida em Francisco Beltrão permitiu aos agricultores receber o título de propriedade das terras, porém, os agricultores não possuíam recursos para investimento, necessitando de empréstimos de instituições financeiras, que não aceitavam transacionar com os mesmos visto que estes não possuíam nada para dar como garantia. Quem tinha acesso a terra precisava também de alternativas de produção.

A luta pela posse da terra representou um marco importante para os agricultores, porém, não era o fim dos problemas, visto que estes possuíam a terra, mas não tinham recursos para produção e sustento das famílias. Neste período havia um grande movimento de associativismo e busca de tecnologias alternativas, visto que as pessoas que tiveram acesso a terra, necessitavam de recursos para produzir.

Os agricultores, com o apoio da Assesoar e a partir de um fundo conquistado com a Misereor, entidade alemã ligada a igreja Católica, passaram a trabalhar o fundo de crédito rotativo. Este fundo possuía um conselho responsável que era formado por representantes de diversas entidades sociais (Wrasse, 2022). A Assesoar realizava as intermediações do fundo de crédito de maneira informal, sem que tivesse o direito legal para tal.



O fato é que a Assesoar não poderia continuar trabalhando na informalidade, agindo como instituição financeira. Além de estar incorrendo em um ato infracionário a instituição não possuía instrumentos legais para execução da dívida, se necessário.

De acordo com Mm:

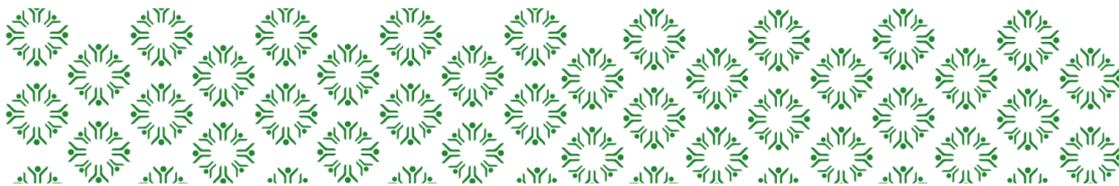
[...] a Assesoar não podia continuar trabalhando na informalidade, você não tinha instrumentos para execução da dívida, porque você estava realmente trabalhando na informalidade e isto é proibido. Então nessa ânsia de buscar uma solução legal é que foi criada, se encontrou as cooperativas de crédito.

Verifica-se que a cooperativa nasceu da necessidade de formalizar os atos que vinham sendo praticados pela Assesoar, mas não encontravam respaldo legal. Desta forma, foi possível fortalecer os associados por meio da aplicação do crédito e apropriação do conhecimento com um objetivo maior que era inserir famílias de pequenos agricultores na sociedade, contribuindo para a diminuição de êxodo rural e aumento da produção de alimentos (Ziger, 2010).

Mm ressalta que, em uma tentativa de compreender e organizar a situação, foi realizado um seminário na cidade de Guarapuava no início do ano de 1994. A intenção era discutir o fundo de crédito rotativo e o cooperativismo de crédito. Para auxiliar no debate foram convidadas algumas instituições, dentre elas a Ocepar e a Cocecrer.

Ainda, de acordo com Km, havia um trabalho de recuperação de uma cooperativa de crédito sendo realizado na cidade de Itapiranga, no estado de Santa Catarina pelo Senhor Valdemiro Kreuzsch, a Cooperativa de Crédito Rural de Itapiranga – Credi Itapiranga. De acordo com Kreuzsch (2009), essa cooperativa havia sido fundada no ano de 1932 pelo Padre Teodor Amstat com o objetivo de atender agricultores que haviam adquirido terras da colonizadora União Porto Novo, as margens do rio Uruguai.

De acordo com Xm, ao saber do trabalho realizado por Valdemiro Kreuzsch, marcaram uma data para conhecer as ações realizadas por este, em especial, o trabalho da cooperativa junto aos agricultores. Na ocasião foram realizadas conversas com os agricultores, gravaram depoimentos e fizeram filmagens da cooperativa e das propriedades. Esse material foi levado para a Assesoar, para que os responsáveis pelo fundo de crédito rotativo pudessem conhecer a cooperativa de crédito – Credi Itapiranga e sua proposta.



Neste período havia a dúvida acerca de qual a melhor forma de organizar o fundo de crédito rotativo. Inicialmente foram consideradas duas possibilidades: a criação de uma associação de crédito ou uma cooperativa de crédito.

De acordo com Mm:

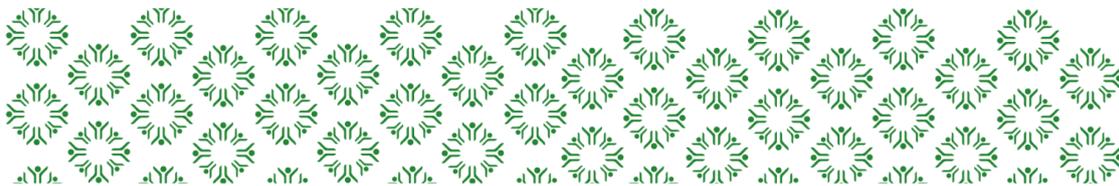
Tínhamos muitas entidades que ajudavam no processo, aí chegou em noventa e cinco o pessoal falou, tá mas você só não pode ficar administrando recurso, por que vai perder inclusive a filantropia, aí vem a ideia de criar uma ferramenta e no primeiro momento se discutiu associação de crédito, mas chegou a ideia de se ter uma cooperativa de crédito. Aí foram falar com a Cocecrer, mas eles falaram nós não queremos vocês, esse negócio de agricultura familiar. Aí chamaram o seu Valdemiro. Como que se faz para criar uma cooperativa de crédito? Ele disse: precisamos de sócios e uma máquina de escrever e estará tudo pronto.

De acordo com Kreuzsch (2009), para criar uma cooperativa de crédito é necessário observar 3 aspectos, sendo eles: público-alvo, interação entre as pessoas e a solidariedade. Ao avaliar esses itens e com a certeza de que era possível criar uma cooperativa de crédito com foco no público rural, inicialmente sugeriu o nome de Cooperativa de Crédito Rural. Era necessário colocar no estatuto que seria de crédito rural pelo fato de que a legislação determinava que as cooperativas atendessem a um determinado ramo de atividade, neste caso o rural.

Para Hm, o desafio inicial foi trabalhar apresentando o projeto da cooperativa numa tentativa de sensibilizar os pequenos agricultores. Era necessário discutir o significado e esclarecer aos futuros sócios sobre as alternativas legais para criação de uma cooperativa de crédito (Van Der Brug, 2015). Havia ainda uma questão legal que era ter um número mínimo de agricultores dispostos a criar a cooperativa de crédito.

A cooperativa de crédito rural com interação solidária nasce com foco na agricultura familiar e no aspecto da solidariedade dos fundos de crédito rotativos, do aval mútuo e da coletividade. De acordo com Xm:

Surge um impasse. Qualquer coisa pode ser solidária. Eu posso ter uma empresa que destrói o meio ambiente e ser solidária, daí veio a história da palavra interação. Porque interação significa as pessoas participarem do solidarismo, ajudar a decidir e estarem juntos no processo. Então por isso que você tem as duas palavras aí eu diria que tão importante quanto solidária é importante a palavra interação solidária.



O foco da cooperativa de crédito era trabalhar a inclusão das pessoas que estavam desassistidas de crédito, sem acesso aos bancos e que buscavam apoio no fundo de crédito rotativo. De acordo com Jm e Mm:

Jm:

Existia muitos agricultores, muitas pessoas carentes de crédito. Então qual a proposta da Cresol. Levantou-se lá na sua missão que era estar envolvido na comunidade gerando desenvolvimento, levando crédito para as pessoas, fazendo que mesmo com o pouco recurso começasse a movimentar.

Mm:

Quando começamos a cooperativa de crédito veio um francês que entendia muito de cooperativa de crédito, ele dizia o seguinte: qual é o objetivo de você criar uma cooperativa de crédito? Tem vários. Vocês querem uma cooperativa de crédito pra ganhar dinheiro, é uma coisa. Vocês querem uma cooperativa de crédito pra administrar o repasse do governo, é outra coisa. Agora, se vocês querem uma cooperativa de crédito para fomentar o desenvolvimento local, é outra coisa. O problema pode ser a falta de objetivos desenvolvimentistas do lugar que impede a viabilização de um instrumento de crédito que fortaleça a economia local e que de impulso para iniciativas que criem solidariedade e sustentabilidade.

Kreusch (2009) salienta que a Cresol nasceu com o objetivo de incentivar e estruturar a agricultura familiar, trazendo taxas de juros mais baixas ao mesmo tempo em que tenta organizar a poupança local como forma de auxiliar o desenvolvimento das famílias.

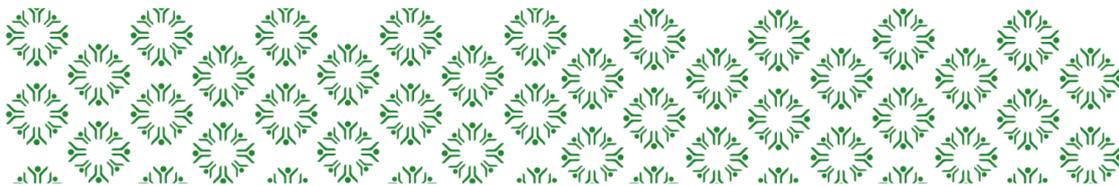
A Cresol nasce com foco na agricultura familiar, trabalhar a inclusão de pessoas que estavam desassistidas de crédito, sem acesso às instituições financeiras. Gm salienta que muitos agricultores nunca tiveram acesso ao sistema bancário.

Gm afirma que:

O ponto de vista era que, existia muitos agricultores, muitas pessoas carentes de crédito. Então a proposta da Cresol foi estar envolvido com a comunidade gerando desenvolvimento, levando crédito para as pessoas, fazendo com que mesmo que fosse pouco recurso que o empreendimento deles crescesse e começasse a movimentar.

A Cresol nasce dentro deste contexto de lutas dos agricultores, em especial, pela possibilidade de acesso ao sistema financeiro, para conseguir crédito a juros baixos, para realizar os investimentos mínimos necessários para, inicialmente, o atendimento das necessidades básicas fundamentais, como alimentação e moradia.

A cooperativa de crédito rural solidária surgiu para atender uma demanda que as outras instituições financeiras, inclusive as cooperativas de crédito, não atendiam. Sua



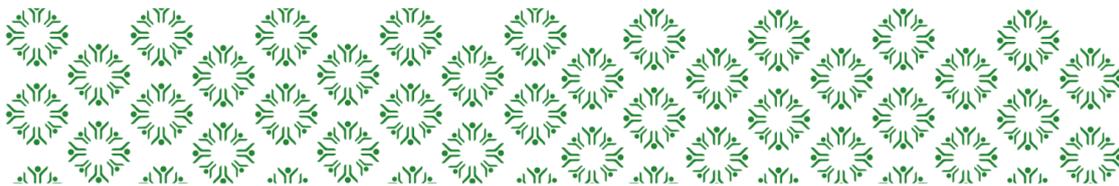
origem teve foco na agricultura familiar e no aspecto da solidariedade, apoiada principalmente nos fundos de crédito rotativo, do aval mútuo e da coletividade. Am salienta que “a gente queria fazer diferente”.

A experiência dos fundos de crédito rotativo trouxe consigo a questão da solidariedade, que, naquele momento, representava a força das pessoas para conseguir o acesso ao crédito, avalizando uns aos outros. Mm ressalta que é necessário analisar o envolvimento dos agricultores além do ponto de vista do aval solidário. Km destaca três pontos importantes que foram apontados por Valdemiro Kreuzsch como decisivos para a criação da Cresol que foram: apoio aos pequenos agricultores, interação social e a solidariedade.

Os fundos de crédito rotativo foram viabilizados a partir de uma parceria com a Misereor, entidade vinculada ao Ministério de Cooperação Alemã. O objetivo deste fundo era financiar os pequenos agricultores ligados aos movimentos sociais, assentamentos da reforma agrária e associações. Km ressalta que entre os anos de 1985 e 1987 começaram a surgir os primeiros assentamentos da reforma agrária nos municípios de Mangueirinha e Marmeleiro. Os assentados que não possuíam dinheiro e nem crédito viram o fundo de crédito rotativo não como uma solução definitiva, mas um alento para as famílias. Hm ressalta que, inicialmente, o financiamento era destinado a correção do solo e adubação verde. De acordo com Mm:

[...] as entidades encontraram nos fundos de crédito rotativo uma forma de financiar um volume maior de recursos e ao mesmo tempo atender a uma demanda potencial, e necessária, de financiar os assentamentos da reforma agrária e com a conversão dos valores em sacas de milho, dar condições para que estes conseguissem pagar o financiamento.

Esse fundo de crédito rotativo era administrado por um grupo de pessoas vinculados a entidades sociais como a Associação de Estudos Orientação e Assistência Rural - Assesoar, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST, a Central Única dos Trabalhadores - CUT, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB e a Comissão Pastoral da Terra – CPT. Esse fundo emprestava o dinheiro para os agricultores e faziam a conversão em sacas de milho. Uma forma encontrada para que os agricultores não precisassem dispor de suas terras como garantia do pagamento. Era necessário um



grupo de, no mínimo, 8 famílias que garantiam o pagamento. Para Km a solidariedade nasceu a partir da criação da chamada ‘cédula solidária’ que era um contrato de empréstimo assinado pelas famílias. Gm salienta que a participação de entidades e movimentos sociais estavam pujantes no final do século XX, não somente na região oeste do Paraná, mas no Brasil como um todo.

De acordo com Km:

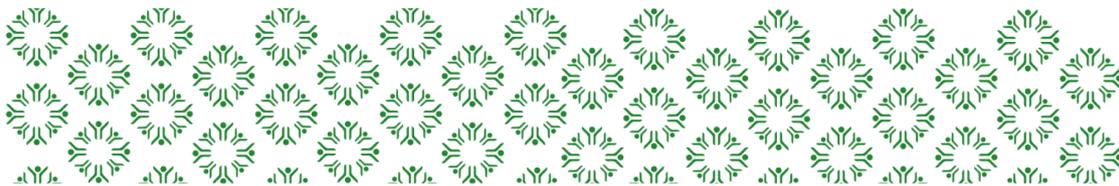
[...] na minha percepção histórica, onde é que nasce a ideia da solidariedade? Da economia solidária, de uma outra forma de ver a economia, de ver o crédito. Porque nós fomos planejar o fundo de crédito rotativo. Nós tínhamos uma coisa que os agricultores não aceitavam que era contrato com correção monetária. Então tínhamos que pensar em algo que o dinheiro não depreciasse. Criamos a chamada ‘equivalência milho’ que ficou até a criação da cooperativa.

No ano de 1994 passou-se a discutir como poderia ser organizado um sistema de crédito que atendesse essas famílias, uma cooperativa de crédito rural. De acordo com Km, durante um seminário realizado na sede da Assesoar, na cidade de Francisco Beltrão, foram discutidos diversos assuntos e, dentre eles, o nome da cooperativa de crédito que viria a ser criada.

Mm afirma que, neste seminário, Valdemiro Kreuzsch apresentou a visão dele em relação a criação da cooperativa, visto que ele havia assessorado a Cocecrer. Foi uma oportunidade para descrever as atividades desenvolvidas pela Assesoar e a maneira como era realizada a gestão do fundo de crédito rotativo.

De acordo com Km, seu Valdemiro não tinha o hábito de fazer anotações durante as reuniões, mas ouvir com atenção e fazer suas avaliações mais tarde. Como de costume, após a reunião, seu Valdemiro pegou o computador, foi até o quarto e passou a rascunhar algumas observações importantes. De acordo com Km:

[...] ele disse olha, tô impressionado com isso aqui. Primeiro gostei porque vocês não misturam o grande com o pequeno, então vocês têm um movimento num público muito parecido. Segundo vocês tem um processo de interação, de integração que eu nunca vi. Vocês interagem entre várias entidades, mesmo com diferenças entre elas. Diferente das experiências que eu tenho com cooperativismo, vocês têm uma interação muito forte. Terceiro, a solidariedade, essa experiência do fundo rotativo, essa questão da solidariedade entre as pessoas.



Mm comenta que, por definição, a expressão solidária referia-se a obrigação de pagar, quitar a dívida caso necessário. De acordo com o pesquisado, não era possível ser solidário somente na dívida. A partir desta constatação Cristophe Delanoy cunhou o nome CRESOL e seu Valdemiro criou o termo Cooperativa de Crédito Rural Com Interação Solidária.

Era necessário acrescentar as questões de interação e de solidariedade no nome da cooperativa. De acordo com Xm, foi então que veio a ideia da interação solidária. A intenção era criar uma cooperativa onde as pessoas pudessem participar ativamente e interagir. Criar um processo de interação com o quadro social, inclusive com as cooperativas a partir dos processos de intercooperação. Assim nasceu o sistema de crédito cooperativo com interação solidária.

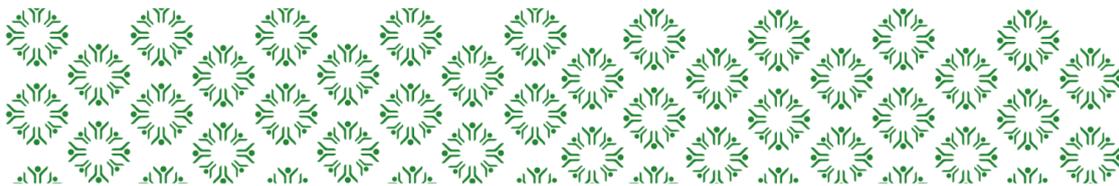
Para Jm uma cooperativa é solidária quando toma decisões em conjunto com a sociedade e discute o cooperativismo com a participação da base. Ser solidário é ouvir as pessoas. Salienta, porém, que, no princípio a expressão solidária estava relacionada com o aval solidário. Gm corrobora com a afirmação e salienta que a interação era para garantir a participação das pessoas e a palavra solidaria era para ter o aval solidário.

Era necessário manter a expressão interação uma vez que a força e a lutas das pessoas estava justamente na forma como estas interagiam e se relacionavam entre si e com as demais entidades sociais como as associações, igreja e sindicatos. De acordo com Xm:

[...] o solidário eram grupos que tomavam crédito e as famílias se avalizavam dentro da comunidade. Então essa experiência do aval solidário do crédito coletivo, do fundo rotativo é que o pessoal queria manter dentro da cooperativa. Nós vamos criar uma cooperativa, nós queremos manter nossos princípios do pessoal saber como é que está sendo financiado, quem que tá devendo e o grupo se auto avalizava.

Km e Gm afirmam que cooperativa é uma sociedade de pessoas, não é uma sociedade de capital. O capital é uma ferramenta, é um instrumento para os resultados que você quer alcançar. A cooperativa é uma sociedade de pessoas e o capital deve ser utilizado como instrumento para alcançar os resultados almejados. Para Jm:

[...] uma cooperativa solidária, e eu acredito que a Cresol faz muito bem isso, é que nós precisamos tomar decisões em conjunto com a sociedade. Ser



solidário é você escutar as pessoas, discutir cooperativismo com a participação da sociedade, olhar a base. O ponto chave é o relacionamento com a sociedade.

Mm chama o relacionamento com a sociedade de 'solidariedade local' e reforça o pensamento de que era necessário criar e apoiar as bases e envolver os associados nas discussões e projetos da cooperativa. Hm afirma ainda que deve existir uma solidariedade local, que multiplica o recurso localmente, para justamente amparar o crédito melhor, da melhor forma. Para Xm, o princípio da solidariedade nasce com a socialização do conhecimento. Quando você socializa conhecimento e informação você está sendo solidário. O crédito deve ser uma ferramenta para o desenvolvimento local.

De acordo com HM:

[...] naquele período a agricultura familiar era tão pobre que não tinha condições, recursos para entrar, para ser associado na Cresol, mesmo que o valor era pequeno, mas a maioria dos agricultores não tinha um pouco de poupança, mesmo em outro banco, e nós decidimos naquela época criar um sistema solidário, onde um poupasse e o outro pudesse pegar emprestado. E assim nós faríamos toda a cadeia da agricultura familiar crescer duma forma solidária, com o dinheiro nosso mesmo.

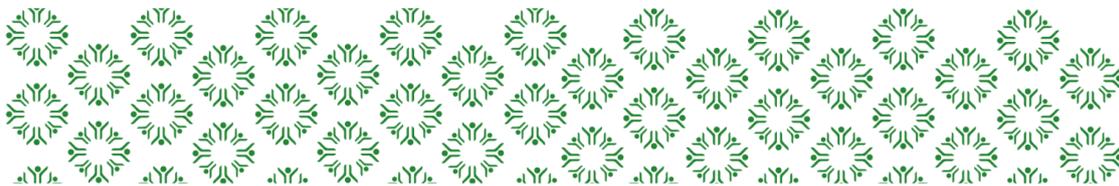
Ainda, de acordo com Xm:

[...] uma cooperativa solidária pra mim é quando o sócio tem vez, tem voz. Ele participa, ele opina, ele ajuda na gestão e quando toda a família tem a grande oportunidade de fazer parte. Uma cooperativa solidária tem que ser aberta, participativa. Uma cooperativa é solidária quando todos ganham. Quando passa a visar a cooperativa e não o cooperado ela deixa de ser solidária.

Para Gm, a cooperativa de crédito só tem sentido se os atores pensarem de forma coletiva, solidária. Os associados devem buscar usufruir dos benefícios da cooperativa, mas ao mesmo tempo investir a poupança ou excedente para servir de auxílio e alavancar situações semelhantes. A questão da solidariedade é que deve fazer as pessoas buscarem uma cooperativa. Km salienta que, se não tiver o pensamento de ser solidário, não tem necessidade de ser cooperado. Ser cooperativista só tem sentido se pensar de forma coletiva.

Para Gm:

[...] tão importante quanto a solidariedade é importante a palavra interação. Eu diria que essas duas palavras é que foram, que são o diferencial da Cresol



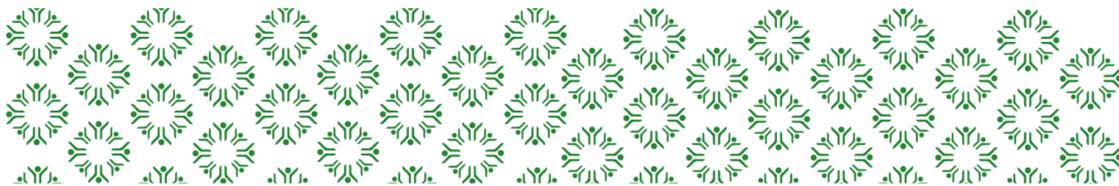
e é uma coisa que a gente busca, luta e tenta manter até os dias atuais. Entende-se o seguinte, na interação os associados participam e decidem a partir do objetivo da solidariedade que, na época, nada mais era do que ampliar a capacidade de financiamento para a agricultura familiar. O financiamento era utilizado para ampliar a produção e, por consequência, garantir o sustento e melhorar as condições de vida das famílias. A solidariedade surge daí. Você tem um perfil de importação de tecnologia, é lógico, ela foi uma tecnologia de 96 que era mecanizar o arado a boi, mecanizar a atividade agrícola. Era ter 5 vacas Jersey ao invés de 5 vacas ‘pelo duro’. Isso era modernização para esse público excluído.

De acordo com Burigo (2006, p. 314) uma cooperativa solidária é aquela que não se preocupa apenas em obter benefícios para o seu quadro social, mas procura atender a sua ação ao máximo de pessoas que integram aquele segmento, como também busca fortalecer seus aderentes em outras dimensões. A cooperativa solidária depende, portanto, de uma forte incrustação na realidade local para alcançar e manter sua legitimidade e dar cumprimento à sua missão estratégica.

As iniciativas da criação da Cresol, que implicaram em relações e valores solidários entre as pessoas se estabeleceram para criar laços de colaboração mútua, cooperação nas formas de trabalho e responsabilidade solidária. A solidariedade se constituiu em elemento essencial para o surgimento e manutenção da cooperativa, no sentido de alcançar os objetivos que se pretendia.

O estudo permite afirmar que a solidariedade foi um dos principais elementos para a criação do sistema Cresol. De acordo com o apresentado pelos pesquisados, no nome da cooperativa a solidariedade está expressa na ‘interação’ e representa a força dos pequenos agricultores na busca de crédito, enquanto a expressão solidária refere-se ao aval solidário, neste caso, a solidariedade seria aplicada quando um dos tomadores de empréstimo não conseguisse pagar a dívida, ou cumprir com sua obrigação, ou seja, a solidariedade seria efetiva somente se as coisas dessem erradas.

Após análise das entrevistas foram selecionados um total de 44 ações que representam a solidariedade entre agricultores e cooperativa de crédito. Estes dados foram compilados e alguns foram incorporados, restando um total de 11 ações, sendo estas: acesso ao crédito, apoio as estruturas de base, educação financeira familiar, estímulo a agricultura familiar, estímulo a criação de emprego, estímulo a poupança,



estímulo ao desenvolvimento local, inclusão social, intercooperação, sentido de pertencimento e relacionamento com a comunidade.

## CONCLUSÃO

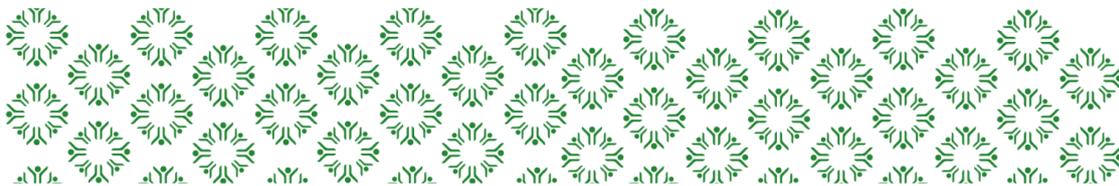
A análise da pesquisa foi realizada com o auxílio do método documentário. O estudo teve como base os princípios de solidariedade propostos pela ACI (1995), as ações descritas por Beland (2013) e os caminhos da economia de solidariedade propostos por Migliaro (2018).

Migliaro (2018) apresenta uma série de caminhos e propõe colocar a solidariedade na economia. O autor divide esta em duas grandes dimensões. De um lado haverá economia de solidariedade na medida em que cresça a solidariedade pela ação dos sujeitos que a organizam e, de outro lado, nas atividades ou empresas em que a solidariedade tenha se feito presente. Conhecer esses caminhos permite conhecer quais são as formas e os conteúdos da economia de solidariedade mais comumente desenvolvidas e, por consequência, será possível estabelecer uma linha de ação para melhorar as condições de vida das pessoas.

Ao afirmar que o cooperativismo é um projeto de sociedade, Beland (2013) afirma que este projeto deve ser guiado por valores igualitários da democracia e oferece uma série de ações ou práticas concretas daquilo que o autor chama de ética do bem comum.

Advogado de formação, Beland presidiu o Movimento Desjardins de 1987 a 2000 e via o conceito e sentido do cooperativismo sob forte influência das teorias humanistas que afirmam a necessidade de conhecer melhor o ser humano e, principalmente, construir um mundo melhor. Para Beland (2013), solidariedade é a “ética do bem comum”. O sistema econômico deve favorecer aos que realmente necessitam.

A ACI apresenta um conjunto de princípios para o cooperativismo. Estes princípios servem como norteadores e orientam as ações destas. De acordo com a Cresol (2021), para que uma cooperativa possa viver o cooperativismo em sua essência, é necessário que esta compreenda cada princípio e os relacione em suas práticas do dia a dia.



As ações de solidariedade identificadas no estudo sugerem que as ações populares podem gerar bases para a solução dos problemas, formação de riquezas e oportunidades de trabalho considerando as potencialidades locais, por meio da participação ativa e efetiva de toda comunidade envolvida. São pequenos proprietários rurais, posseiros e assentados que desempenharam o papel de protagonista no processo de construção da cooperativa e, por consequência, na melhoria da qualidade de vida das pessoas.

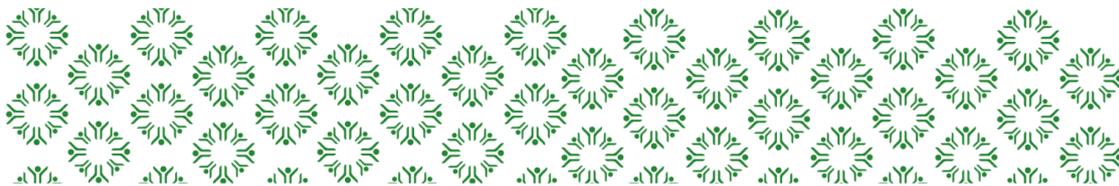
Dentre as ações de solidariedade apresentadas pelos pesquisados estão: acesso a crédito, apoio a estruturas de base, educação financeira familiar, estímulo a agricultura familiar, estímulo a poupança, estímulo ao desenvolvimento local, geração de emprego, inclusão social, intercooperação, sentido de pertencimento e relacionamento com a comunidade. Salienta-se que estas ações representavam a solidariedade no período de criação da cooperativa Cresol.

Além das ações preconizadas pela teoria, o estudo sugere a inclusão de três ações solidárias praticadas pelas cooperativas de crédito que possuem seu foco no público rural e na solidariedade, sendo elas: apoio as estruturas de base, apoio à agricultura familiar e o sentido de pertencimento. A figura 01 apresenta as ações identificadas.

**Figura 1 – Ações de solidariedade do cooperativismo de crédito rural solidário**



**Fonte:** o autor.



Pode-se afirmar que a Cresol foi essencial para as comunidades, especialmente em tempos de adversidade econômica e diante da exclusão social e empréstimos com juros predatórios praticados pelas instituições financeiras. Apesar de todos os desafios enfrentados, as ações permitiram inserir os agricultores ao sistema financeiro e melhoraram sua condição de vida.

O estudo identificou que a solidariedade é vista como fator integrante na criação da Cooperativa de Crédito Rural com Interação Solidária - Cresol. Pode-se afirmar que se fez presente desde a organização das pessoas em busca de um objetivo comum e na luta por justiça e acesso ao crédito da população agrícola da região Sudoeste do Estado do Paraná.

Esses grupos estavam estruturados em torno de valores e objetivos comuns, o que permitiu uma certa coesão. Essa consciência coletiva guiava as ações dos indivíduos e se sobrepôs à vontade individual. A solidariedade estava inserida na realidade e nas necessidades dos agricultores.

## REFERENCIAS

ACI - ALIANÇA COOPERATIVA INTERNACIONAL. *Os princípios do cooperativismo*. Brasília, DF: ONU; Unesco, 1995.

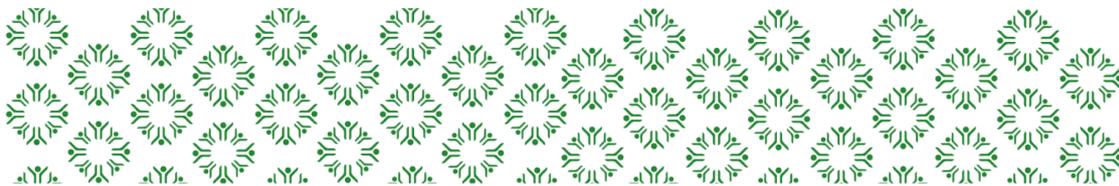
ALVES, A. F. *Do desenho a implementação de projetos de desenvolvimento rural sustentável: interfaces e negociações no projeto vida na roça (Paraná)*. 2008. 234p. Tese (Doutorado em Ciência Humanas) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008. Disponível em: <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/91151>. Acesso em: 21 nov. 2023.

BELAND, C. *Por uma economia solidária*. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

BOHNSACK, R. *Pesquisa social reconstrutiva: introdução aos métodos qualitativos*. Petrópolis: Vozes, 2020.

BURIGO, F. L. Finanças e solidariedade: o cooperativismo de crédito rural solidário no Brasil. *Estudos Sociedade e Agricultura*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 312-349, 2006. Disponível em: <https://lemate.paginas.ufsc.br/files/2016/06/279-728-1-PB.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2023.

CRESOL – CONFEDERAÇÃO NACIONAL DAS COOPERATIVAS CENTRAIS DE CRÉDITO E ECONOMIA FAMILIAR E SOLIDARIA. Institucional. *Cresol Confederação*, Florianópolis,



2021. Disponível em: <https://cresol.com.br/institucional/#missao-visao-valores>. Acesso em: 20 nov. 2023.

GRAYNER, F. Introduction: writing the contemporary history of european solidarity. *European Review of History*, Abingdon, v. 24, n. 6, p 837-853, nov. 2017. DOI 10.1080/13507486.2017.1345861.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Estimativas da população*. Rio de Janeiro: IBGE, 2019. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9103-estimativas-de-populacao.html?edicao=25272&t=resultados>. Acesso em: 21 nov. 2023.

KREUSCH, V. *Cooperativismo: alguns detalhes no decorrer dos tempos*. Francisco Beltrão: Grafitec, 2009.

MANNHEIM, K. *Essays on the sociology of knowledge*. London: Routledge & Kegan Paul, 1952.

MARTINS, R. S. *Entre jagunços e posseiros*. Curitiba: Rubens S. Martins, 1986.

MEINEN, Ê.; PORT, M. *O cooperativismo de crédito ontem, hoje e amanhã*. Brasília, DF: Confedbras, 2012.

MIGLIARO, L. R. *Los caminos de la economia solidaria*. Santiago de Chile: Ediciones Universitatis Nueva Civilizacion, 2018.

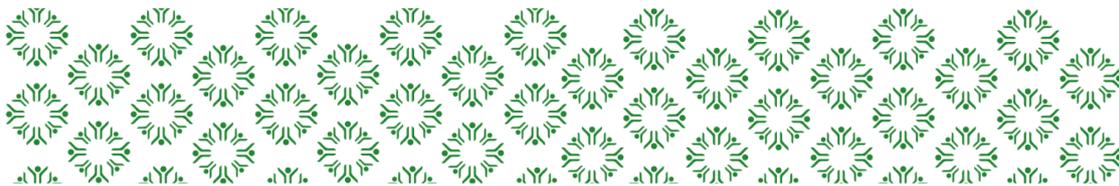
PAVLOVSKAYA, M.; BOROWIAK, C.; SAFRI, M.; HEALY, S.; ELETTO, R. The place of common bond: can credit unions make place for solidarity economy?. *Annals of the American Association of Geographers*, New York, v. 110, n. 4, p. 1278-1299, dez. 2019. DOI: <https://doi.org/10.1080/24694452.2019.1685368>.

PINHO, D. B. *O cooperativismo no Brasil: da vertente pioneira a vertente solidária*. São Paulo: Saraiva, 2004.

SEVERO, R. G. Sociologia do conhecimento e o método documentário: instrumento qualitativo para análise sociológica. *Revista de Ciências Sociais*, Fortaleza, v. 48, n. 1, p. 304-317, jan./jul. 2017. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/revciensio/article/view/18891>. Acesso em: 21 nov. 2023.

VAN DER BRUG, C. *Terra, luta e lar: biografia de Ademir Dallazen e o nascimento do sistema cresol*. Curitiba: InVerso, 2015.

WELLER, W.; SANTOS, G.; SILVEIRA, R. L. L. da; ALVES, A. F.; KALSING, V. S. S. Karl Mannheim e o método documentário de interpretação: uma forma de análise das visões de mundo. *Sociedade e Estado*, Brasília, DF, v. 17, n. 2, p. 375-396, jun./dez. 2002. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-69922002000200008>.



WRASSE, C. L. *Transformação e adaptação do conceito de solidariedade no cooperativismo de crédito rural*. 2022. 125p. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural Sustentável) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2022. Disponível em: <https://tede.unioeste.br/handle/tede/5898>. Acesso em: 21 nov. 2023.

ZIGER, V. Inclusão financeira no Brasil: perspectivas e desafios para acesso a serviços financeiros adequados. In: VOLLES, Adriana. *Ensaio sobre o cooperativismo solidário*. Londrina: Midiograf, 2010. p. 19-26.

ZOLL, R. *Was ist solidarität heute?*. Suhrkamp Verlag: Frankfurt, 2000.

**Recebido em: 30/07/2024**

**Aceito em: 04/10/2024**